

DPA/FISCHER/AFIP - 10/11/1989

**Queda do Muro de Berlim, em 1989; início de três décadas de revoluções**

coisas muito mais importantes do que 'eu', do que meu ego: a família, a nação, Deus", disse ele a Tucker Carlson no ano passado. As políticas de Orbán (presumivelmente) pretendem colocar essas coisas em um pedestal e, nas palavras de Fromm, eliminar o fardo do eu. Seguindo uma linha dessa mesma cartilha, Putin implora aos russos que não caiam no canto da sereia ocidental, da autoexpressão individual, mas, em vez disso, tornem a Rússia grande novamente. Xi fala em termos similares a respeito do grande projeto chinês de rejuvenescimento nacional, que celebra a cultura da China como algo distinto do individualismo ocidental.

**OCIDENTE+.** É importante reconhecer que, em termos materiais, o Ocidente continua forte. A coalizão que apoia a Ucrânia – que reúne EUA, Canadá, Europa, democracias do Leste Asiático, Austrália, Cingapura e alguns outros países, e poderia ser chamada "Ocidente+" – abrange cerca de 60% do PIB global. Com a crise na Ucrânia e a ameaça russa, a Europa ficou mais unificada, e o Ocidente+, mais unido do que jamais esteve. Manter a aliança unida será um desafio, mas um desafio menor que a Guerra Fria, quando muitos caminhos

buscavam uma terceira via em relação aos EUA e à URSS. Se for bem-sucedido, porém, o Ocidente+ poderia fomentar e expandir a zona de paz e liberdade.

Os diplomatas que fundaram a União Europeia eram conhecedores da história e estavam determinados a garantir que a guerra nunca retornasse à Europa. Os atuais líderes europeus estão começando a infundir suas decisões cotidianas de um senso similar de responsabilidade histórica. Desde sua fundação, a União Europeia sonha grande, mas nunca conseguiu superar suas divisões e agir como uma unidade coerente. Se a Europa finalmente se tornar uma jogadora estratégica na arena internacional, isso poderia mudar – o que poderia constituir a maior consequência geopolítica da invasão russa.

Os EUA, de sua parte, também devem agir com uma mentalidade mais histórica e se lembrar da principal lição do século passado: um sistema internacional no qual o jogador mais poderoso se recolhe em isolamento e protecionismo será marcado por agressão e antiliberalismo. O envolvimento pode assumir várias formas. Os EUA poderiam agir em concerto com uma Europa mais unificada, juntamente com Japão, Coreia do Sul, Austrália e Cinga-

pura – talvez apoiados em certas ocasiões por Índia, Turquia e alguns outros países. Em vez de uma só hegemonia fazer vigorar a ordem internacional, o sistema poderia ser instituído por uma coalizão de potências unidas em torno de interesses e valores comuns.

**INTERNO.** Além do desafio de sustentar uma ordem liberal internacionalmente, existe o desafio de defender o projeto liberal dentro das sociedades – e ambos estão conectados. Pense na Índia. Sua ascensão econômica tem sido acompanhada pela irrupção de uma versão doméstica de nacionalismo populista, chamado Hindutva, uma forma de supremacismo hindu. A Índia do primeiro-ministro Narendra Modi sintetiza um problema global maior que os EUA terão de confrontar: como se aproximar de possíveis aliados cujas políticas nacionalistas possuem predisposições antiliberais?

Homens-fortes populistas de todo o mundo alegam frequentemente que os valores de uma sociedade aberta – pluralismo, tolerância, secularismo – são importados do Ocidente. Dizem estar construindo uma cultura nacional autêntica, distinta do liberalismo ocidental. É possível que a erosão das ideias cosmopolitas e liberais nessas sociedades revele que elas se baseiam em uma elite educada ou inspirada pelo Ocidente, que abaixo da superfície um nacionalismo menos tolerante aguarda sua vez.

O primeiro indivíduo a exercer a função de premiê na Índia, Jawaharlal Nehru, que estudou em Harrow, uma das principais escolas britânicas, e na Trinity College, em Cambridge, disse certa vez ao embaixador americano: "Sou o último inglês a governar a Índia". O país que Nehru e os líderes pós-independência criaram foi construído sobre valores que eles receberam de suas profundas associações com o Reino Unido e o Ocidente. A Índia deles era um Estado secular, pluralista, democrático e socialista. Eu fui o primeiro a celebrar quando a Índia abandonou grande parte de sua herança socialista, que tinha provocado corrupção e disfunções incalculáveis. Mas o socialismo não é a única ideia importada do Ocidente da qual países estão duvidando. Todo tipo de ideia iluminista – liberdade de imprensa, tribunais independentes, tolerância religiosa – está enfraquecendo em países como Índia, Turquia e Brasil. É verdade que Rússia e China instigam descontentamentos em outros países, mas o fazem explorando negatividades já existentes. Em muitos lugares, o projeto iluminista – do qual a ordem internacional liberal é parte crucial – é visto como um legado do domínio ocidental. Mas o maior perigo que enca-

ramos é de longe que no coração do próprio Ocidente há pessoas que rejeitam o projeto iluminista. Muitos eleitores nos EUA, no Reino Unido e na França estão optando por populistas que apresentam a si mesmos como opositores absolutos à ordem estabelecida e aos seus valores. Populistas falam da importância suprema de Deus, do país e da tradição. Essas ideias têm uma ressonância poderosa.

**DEFICIÊNCIAS.** O problema do liberalismo é que ele foi bem-sucedido demais. O liberalismo foi e continua sendo a principal força em prol da modernização política em todo o mundo. Lembrem-se como era a vida séculos atrás: monarquias, aristocracias, hierarquias eclesiásticas, censura, discriminação oficial determinada por lei e monopólios estatais. Com o tempo, todas essas tradições e práticas romperam-se e ruíram em razão do apelo poderoso das ideias liberais – que celebram liberdades e direitos individuais, levam ao poder pessoas comuns e se opõem à tirania e ao controle do Estado. As

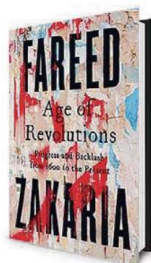
**Bem-sucedido**  
**Liberalismo foi e continua sendo a principal força em prol da modernização política no mundo**

ideias liberais na economia – o respeito à propriedade privada e o uso dos mercados abertos, do comércio e do livre-câmbio – se estabeleceram em quase todo o planeta, apesar de frequentemente ajustado para garantir maior igualdade econômica. Mas o liberalismo não é um sistema perfeito, e suas deficiências e excessos fornecem ampla matéria-prima para os inimigos o ataquem.

Vivemos em uma era revolucionária. Com todas as mudanças e transformações que têm ocorrido, as pessoas estão saturadas, ansiosas e temerosas em relação a um futuro que pode significar mais rupturas, deslocamentos e a perda do mundo no qual crescemos. Alguns no Ocidente estão prontos para o radicalismo. Alguns de fora consideram esta a hora certa para romper o longo domínio do Ocidente e de suas ideias. Mas se rasgarmos o liberalismo nos EUA e permitirmos que ele seja erodido no exterior, descobriremos que o edifício de ideias e práticas que o liberalismo e a democracia construíram também ruirá. E retornaremos para um mundo mais empobrecido, tenso e conflituoso do que aquele que vimos por gerações.

● TRADUÇÃO DE AUGUSTO CALI.

TRECHO RETIRADO DO LIVRO 'AGE OF REVOLUTIONS: PROGRESS AND BACKLASH FROM 1600 TO THE PRESENT', DO MESMO AUTOR



**Age of Revolutions: Progress and Backlash from 1600 to the Present**  
De Fareed Zakaria  
W. W. Norton & Company  
400 págs. US\$ 18,95 (cerca de R\$ 95,50)  
Disponível no site amazon.com

PRINTED AND DISTRIBUTED BY PRESSADAR  
PAPERBACK ISBN 978-0-691-22444-4  
HARDCOVER ISBN 978-0-691-22445-1

P pressreader